

**Daniel Machado Da Conceição**

## **UMA TESE PARA TESSITURA DA TESE**

---

### **RESUMO**

Elaborado na sinuosidade de um percurso entre idas e vindas com uma sucessão de encontros e desencontros, perdas e ganhos, alegrias e tristezas, etc. Um amontoado de experiências que passam a definir o sujeito por meio da singularidade de seu itinerário. Planos e metas foram elaborados e desejados para percorrer quatro anos que significam no seu final uma objetivação retratada em um documento que indicará um status adquirido. O propósito dessas palavras começa a ser descrito como um ponto de discussão ou reflexão. O novo ciclo remete a um período de pesquisa, produção de dados e a escrita de uma tese. Portanto, o pesquisador constrói uma vida, que também é tecida pelas “Parcas acadêmicas”, que alimentam o tear com inúmeras linhas de socialização, de aplicação de técnicas, de metodologias, de leituras, de frequência e treinamento. A produção de uma tese é mais uma oportunidade para encontrar a si mesmo em meio às agruras de um mundo tumultuado e racionalizado no tempo linear. Contemplar e aproveitar mais o tempo cíclico facilitará a compreensão de que a tessitura é a verdadeira tese da vida.

**PALAVRA-CHAVE:** Itinerário formativo; Pós-graduação; Tese; Tessitura.

---

## ABSTRACT

Elaborated along the sinuosity of a coming and going journey with a succession of agreements and disagreements, losses and gains, joys and sorrows, etc. A considerable amount of experiences that begins to define man through the singularity of his itinerary. Plans and goals have been elaborated and desired to range four years which means at its end an objectification portrayed in a document that will indicate an acquired status. The purpose of these words begins to be described as a point of discussion or reflection. The new cycle refers to a period of research, data production and the writing of a thesis. Therefore, the researcher builds a life, which is also woven by the "academic parkas", which feed the loom with numerous threads of socialization, application of techniques, methodologies, reading, attendance and training. The production of a thesis is yet another opportunity to find oneself among the hardships of a tumultuous world, rationalized in linear time. Contemplating and enjoying the cyclical time more will facilitate to understand that the texture is the true thesis of life.

**KEYWORD:** Formative itinerary; Postgraduate studies; Thesis; Texture.

---

Interessante pensar como a vida se constitui em uma busca por identidade. Esta por sua vez aglutina uma infinidade de elementos rotineiros e outros eventuais que representam aquilo que nos tornamos até esse momento. Elaborado na sinuosidade de um percurso entre idas e vindas com uma sucessão de encontros e desencontros, perdas e ganhos, alegrias e tristezas, etc. Um amontoado de experiências que passam a definir o sujeito por meio da singularidade de seu itinerário.

Nesse percurso o tempo se faz importante, pois o tempo presente é um momento de convergência. Para melhor elucidar é preciso compreender dois tempos: o linear e o cíclico. Ambos são fundamentais para criar o sentido de "estar" (presente) e de "fazer" (futuro). Quando falo em sentido, quero destacar a subjetividade a qual difere de sujeito para sujeito.

O tempo deve ser encarado como um fio, o fio da vida o qual é tecido pelas Parcas<sup>1</sup>, de acordo com a mitologia grega. A tessitura do fio

---

<sup>1</sup> Na mitologia grega as Parcas com os nomes Cloto, Láquesis e Átropos, tinham como ocupação tecer o fio do destino humano e, com suas tesouras, cortavam-no, quando muito

apresenta uma relação linear que permite perceber o giro da roda da fortuna como ciclos representados por períodos de sucesso ou insucesso. Para o olhar mais cuidadoso, parece indicar que o chamado destino pode estar já escrito – algo como pré-definido – ou mesmo a indicação do acaso como uma situação em que somos “joguete” nas mãos de deusas. Nosso tempo presente parece envolver uma procura constante por distender nossa linha o máximo de maneira linear. O objetivo esperado é permitir viver mais, pois a relação com a vida é linear e não cíclica de base nas mudanças e transformações pessoais. Agora, o que é viver? Por que nos preocupamos tanto? Por que despendemos tanto tempo querendo estender a vida?

Esse viver é a grande questão que buscamos compreender. Enquanto procuramos distender o tempo linear, as grandes mudanças acontecem na vivência e na experimentação do vivido. Os ciclos de aprendizado pautam as transformações no sujeito. As muitas pequenas linhas que se somam, indicam experiências que permitem compor o fio da vida. As várias linhas que vão formar nosso fio se originam de diversas maneiras. Algumas recebem facilmente destaque, pois são identificadas nos aprendizados, nas trocas, nos encontros, nas contemplações, no ensimesmamento e etc. Todas permitem formação de um sujeito capaz de relacionar-se com o meio e o mundo a sua volta. Mais do que a construção de um fio, as linhas simbolizam transformações. Que por sua vez, só podem ser alcançadas em relação direta a um outro e a si mesmo.

O acréscimo de linhas a cada momento transforma o fio que já não pode mais ser identificado com aquele no início do processo. As linhas que constituem um fio, o transformam continuamente. Aproveitando a representação da vida nessa alegoria e que parece significativa, façamos o esforço para definir um outro recorte temporal. Nossa escolarização ou formação profissional como professor e/ou pesquisador. Uma relação com o saber que começou na escola e hoje se legitima na universidade e nos programas de pós-graduação.

Nosso itinerário formativo permitiu a chegada a uma pós-graduação, as linhas se somaram pouco a pouco para não só estender o tempo linear, mas vivenciar um novo ciclo na “roda da fortuna”. Planos e metas foram elaborados e desejados para percorrer quatro anos que significam no seu final uma objetivação retratada em um documento que indicará um status adquirido. O propósito dessas palavras começa a ser descrito como um ponto de discussão ou reflexão. O novo ciclo remete a um período de pesquisa, produção de dados e a escrita de uma tese. Portanto, o pesquisador constrói uma vida, que também é tecida pelas “Parcas acadêmicas”, que alimentam o tear com inúmeras linhas de socialização, de aplicação de técnicas, de metodologias, de leituras, de

---

bem entendiam (BULFINCH, 2002, p. 15).

frequência e treinamento. A distinção de itinerários se evidencia à medida que uns chegam mais qualificados que outros, mas ninguém chega pronto ou já acabado. E, sinceramente, também não irá sair pronto! Dessa maneira a tessitura do fio envolve uma mestiçagem (CHARLOT, 2006; SERRES, 1993), isto é, outros momentos, novos lugares, outro entendimento e também uma nova vida se faz entrecruzada em um emaranhado de linhas que compõem um fio que se renova constantemente.

Uma tese ou dissertação parece muitas vezes partir de um olhar com base no tempo linear. Um ponto de partida que se inicia nas primeiras aulas do curso e que espera ter seu término na apresentação do trabalho ao marcar um ponto final. Se observar dessa maneira tudo indica um tempo específico ao qual as “Parcas Acadêmicas” determinam para sua conclusão (04 e 02 anos respectivamente). A relação com o tempo não deve ser reduzida ao produto tese, nem mesmo estar atrelada ao dinheiro e sua expectativa futura de promoções. A racionalização para o resultado monetário reduz a tarefa formativa, pois induz a uma troca pura e simples. Assim, “o tempo é agora moeda, ninguém passa o tempo, e sim o gasta” (THOMPSON, 1998, p. 272). O tempo de uma pesquisa não deve ser encarado como um tempo gasto, perdido ou investido. Quando passamos a contabilizar uma linearidade do tempo nossa relação com Khronos pode dar o entendimento de esvair-se entre os dedos e as páginas de um caderno de campo ou de um artigo. O tempo vivido no ciclo que se inicia precisa estar associado a Kairós, isto é, ao processo formativo o qual permite apreciar o percurso. Nas palavras de Umberto Eco, a universidade foi concebida para ser frequentada tranquilamente (ECO, 2007, p. 23).

Quando definimos um recorte de tempo, a percepção a ser resgatada indica que nosso fio foi formado por uma base capaz de permitir a entrada em um novo ciclo. Por isso, não se deve esquecer de toda organização e preparação que marcaram o momento anterior. Essa entrada quando encarada dentro de um outro viés, possibilita perceber a junção de uma chegada e uma largada. Não mais como uma simples separação em dois pontos únicos e antagônicos. Já não estaremos mais definindo um ponto ou um marco comum para representar o momento. “Quem sou eu, se não parte do ponto de partida e o ponto atual, mas ainda em constante transformação” (SERRES, 1993, p. 42).

Partir exige um dilaceramento que arranca uma parte do corpo à parte que permanece ligada à margem de nascimento, à proximidade de parentesco, à casa e aos costumes próprios do meio, à cultura da língua e à rigidez dos hábitos. Quem não se mexe não aprende nada. Sim parte, dividi-te em partes (SERRES, 1993, p. 23).

A tessitura da tese que desejamos escrever só pode ser realizada em

conjunto. Um conjunto de instruções coletadas e até mesmo incorporadas no fio do sujeito acadêmico. Linha sobre linha os resultados obtidos no final ou no começo desse ciclo acadêmico não podem ser encarados como particulares ou individuais. A singularidade do estudo e a perspectiva aplicada possui uma característica a qual se fez permeada pelo itinerário formativo. A maneira que apresentamos os resultados indica uma reprodução, uma reescrita, um rearranjo, um remontar, um reorganizar, um reelaborar e um refazer a partir de outro, uma ligação com nossa margem de nascimento. No entanto, não devemos apenas pensar que ao dizer o que quero, tenho que necessariamente dizer o que o outro disse! Este é o erro comum, temos medo de cortar a linha que nos liga ao fio de outra vida já vivida e que recebeu reconhecimento. Medo de arriscar sozinho e apresentar a própria perspectiva. Assim, permanecemos amedrontados de se dilacerar para em meio as muitas partes encontrar o verdadeiro sentido da tessitura. Nossa produção de conhecimento está mediada por nossa subjetividade e devemos perguntar, qual nosso lugar nessa história? Escrevemos juntando pedaços, ou melhor, acessando as muitas linhas que constituem nosso fio acadêmico. “Nada do que, de fato se chame formação poderá ser apreendido sem pressupostos” (ADORNO, 2010, p. 19). Quando pesquisamos não pesquisamos sozinhos, pois um contingente de outros pesquisadores já sinalizou o caminho a percorrer, mesmo que muitas vezes tenhamos que conviver com o sentimento de solidão durante alguns momentos da travessia. Pesquisar é uma arte, sua elaboração não é um exercício solo e nem uma apresentação em monólogo.

Estar sozinho em demasia, isto é, na maior parte da travessia indica que o pesquisador mantém seu foco no projeto e não no percurso. Neste caso parece preferir permanecer na margem de nascimento, porém o percurso requer estar com outros, é dividir e somar. Ao enfrentar as intempéries presentes no itinerário fortalece a si mesmo, pois permite conhecer seus limites e potenciais, cria relação com seu campo de pesquisa sendo capaz de ouvir sua fala ao sussurrar segredos desvelados quando existe confidencialidade.

A formação que possibilita ganho real como na escola socrática, é aquela que incentiva tirar o humano de dentro do humano. “A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por converter-se em semiformação” (ADORNO, 2010, p. 10). O que caracteriza um impedimento para que os pesquisadores se eduquem. A verdadeira elaboração não está no resultado produzido no final do ciclo. O resultado apenas apontará mais um novo início. Um novo ciclo em meio uma linearidade do tempo transpassada por transformações pessoais. Por essa razão, se pode dizer que desistimos de uma tese e não que a terminamos. Seria muita prepotência dizer que finalizamos uma dissertação ou tese, pois apenas acrescentamos um olhar obtido por meio de mais uma

face do prisma da observação sobre determinado objeto.

A tese e sua tessitura não significam navegar em águas calmas e tranquilas. Se entendemos que nosso fio é composto por inúmeras linhas, logo, desconfortos e incômodos para adaptação e adequação devem ser sentidos.

A travessia produz no corpo as ansiedades e vibrações, como o caminhar em uma corda. A travessia deve seguir sem hesitação, deixa a margem inicial sem esquecer sua origem (SERRES, 1993, p. 39).

A entrada em um novo espaço promove desconforto, isso já é esperado. Com base na teoria do caos, a organização procede a desorganização. Assim, muitas vezes aquilo que idealizamos como um projeto será colocado à prova, questionado, criticado e desconstruído ao ponto de não acreditarmos mais em sua força como estudo. No ciclo infortúnios e fortuna, podemos entender como parte do processo. A força de uma tese não está no fato de sua escrita ser concisa, sua base teórica inquestionável e muito menos nas quantidades de páginas produzidas. Sua relevância antes de ser externada por aquilo que pode ser apreciado, diz respeito as transformações que o pesquisador permitiu realizar em si. Muitas vezes a produção que foi externada ganhará como prêmio a poeira do tempo em estantes. A tessitura da tese estará presente no pesquisador o qual irá transmitir seu itinerário para outros. Portanto, a história do pesquisador tem a produção de uma tese, e não a tese uma história. Na segunda opção ela finda em si mesma e esse é seu limite.

Voltemos a sinuosidade, uma permissão para ir de um lado ao outro sem acomodação. Dar um passo com o objetivo de avançar só é possível com o desequilíbrio. Sair da inércia é avançar sobre o espaço em um constante movimento de desequilibrar para equilibrar-se. Projetar o caminhar na insegurança de uma corda bamba, remete aos sentimentos de despreparo e o medo de não corresponder às expectativas, estes são superados pela confiança de um passo após o outro mediados pela busca de equilíbrio. A hesitação e a posterior falta de confiança erguem barreiras que muitas vezes se tornam intransponíveis. Leituras sem sentido, escrita sem criatividade, informantes relutantes e etc. Tudo parece conspirar para que o tempo linear seja gasto e estampado na contagem regressiva a qual produz ansiedade que consome aquele que ‘pesquisa com a dor’. Quanto mais o tempo produz um itinerário linear do percurso, mais anseios e perturbações ele promove, pois falamos de perdas de tempo e não de soma ou aproveitamento como no tempo cíclico. Por essa razão, questões psicossomáticas de pós-graduandos têm alarmado parte da comunidade acadêmica.

Muito da insegurança e da fragilidade dos pós-graduandos é resultado da falta de orientação, de não saberem o que fazer e com isso procrastinar as atividades até que já não seja possível realizá-las. Que é quando se diz, como a confirmar um veredito já desde sempre anunciado, que há pouco tempo para escrever a dissertação ou a tese.

É, no entanto, de um tempo mais qualificado, e nem sempre mais extenso, que precisam mestrandos e doutorandos (VAZ, 2017, n.p.).

O tempo qualificado se inicia no ensimesmamento, na capacidade de reconhecer limitações e potencialidades. Nesse momento o equilíbrio pode ser encontrado. Equilíbrio que permite orientar o foco para determinada competência a ser melhor desenvolvida. Equilíbrio para conciliar vida acadêmica com a vida familiar e social. Equilíbrio para aceitar o treinamento e as mudanças que se sucedem ao ser acrescentada nova linha no fio acadêmico. Enquanto não existir equilíbrio, o sentimento será dúbio, isto é, as tensões individualistas se posicionam para determinar sempre o olhar linear expresso na falta de tempo. Na análise de Rancière (2002), esse processo embrutece o sujeito pois não acrescenta capacidades, linhas ao seu itinerário formativo ao não consolidar um *métier* acadêmico. O movimento ideal diz respeito a uma emancipação, mestre e discípulo, ambos devem ser emancipados durante o ciclo.

Quem ensina sem emancipar, embrutece. E quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez. Ele saberá que pode aprender porque a mesma inteligência está em ação em todas as produções humanas, que um homem sempre pode compreender a palavra de um outro homem (RANCIÈRE, 2002, p. 30).

A tese para tessitura da tese diz respeito, única e exclusivamente, a uma produção humana. Charlot (2006), aponta que a emancipação pode ser observada na resposta a dois questionamentos: O que quer saber que ninguém sabe? Como concretamente será feito isso? As respostas emancipadas preenchem duas páginas, agora quando não estão ainda formadas consomem a escrita de 20 páginas na tentativa de argumentação. Para Benjamin (1985, p. 197):

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar

experiências.

O pesquisador se constrói como narrador de um dado objeto, entretanto além de sua obra ou produção, invariavelmente, deve narrar a si mesmo. A tessitura da tese é um constante intercambiar de experiências. Dessa maneira já não somos mais o primeiro no início da caminhada, nem um segundo ao final dela. Nós nos tornamos um terceiro em constante movimento de transformação. Em razão do tempo presente o terceiro já não se assemelha ao primeiro e nem se tornará um segundo. O terceiro está sempre entre dois pontos, adquirindo cada vez mais linhas para seu fio da vida o que significa intercambiar experiências no tear da emancipação. A produção de uma tese é mais uma oportunidade para encontrar a si mesmo em meio às agruras de um mundo tumultuado e racionalizado no tempo linear. Contemplar e aproveitar mais o tempo cíclico facilitará a compreensão de que a tessitura é a verdadeira tese da vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. N. C. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 7-40.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. RJ: Ediouro, 2002.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber**. Revista Brasileira de Educação v. 11, n. 31, jan./abr. RJ: 2006. p. 7-18

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. Barcarena: Editorial Presença, 2007.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SERRES, M. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAZ, Alexandre F. **Vicissitudes dos pós-graduandos (I)**. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/blog/2017/12/07/vicissitudes-dos-pos-graduandos-i/>> Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

## **AUTOR**

### **Daniel Machado Da Conceição**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC. Mestre em Educação PPGE/UFSC. Licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais/UFSC. Integro o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). Atuação como Professor de Sociologia EM e EJA, Educador Social, Tutor à Distância. Bolsista no Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina UNIEDU/Pós-Graduação. E-mail: [danielmdac1@gmail.com](mailto:danielmdac1@gmail.com) .

Recebido em: 28/05/2018.

Aprovado em: 11/09/2018.

Publicado em: 28/10/2018.